

CAMUS: ARTE E TESTEMUNHO DA LIBERDADE

Fernando Rocha SAPATERRO
(FAI/PFT N.S. Assunção)

*“Eu não posso viver sem minha arte (...)
ela obriga o artista a não isolar-se e o submete à verdade”¹
“ Por sua própria função, o artista é testemunha da liberdade”²*

Albert Camus

RESUMO

Camus mostrou as relações entre a arte e a vida; sua arte é um testemunho da liberdade, do absurdo e da revolta. Trata-se, para ele, de redescobrir o sentido da vida através da criação artística.

RÉSUMÉ

Camus a montré les relations entre l'art et la vie, envisageant son oeuvre comme un témoin de la liberté, de l'absurde et de la révolte. Il s'agit, pour lui, de retrouver le sens de la vie par le moyen de la création artistique.

Arte,
Essa detentora,
Subversora e interventora,
Inventora de fragmentos multifacetados
Num real clássico.
Vanguarda de Esperanças,
À espera de um agora,
“Antropofonetizando”:

Não, não recubra o passado,
nem almeje sonhar;
Apenas intervenha onde o sonho se
permite
O REAL.

Albert Camus (1913-1960) experienciou as íntimas relações entre arte e vida. Podemos nos arriscar a dizer que a arte em Camus é o significado de sua vida. Entre a literatura, o teatro e a filosofia,

Camus explorou sua arte como testemunha da liberdade.

Talvez o que mais se conheça em Camus é a temática, tão fortemente explorada, do absurdo e da revolta, que constituem grandes linhas do pensamento camusiano e frutos gerados por uma difusa corrente existencialista. Grandes linhas, que, todavia, não formam uma unidade de obra quando desprovida de outros liames necessários como a arte, por exemplo. E sua arte é a proposta de unidade do mundo.

A obra camusiana faz parte de um forte contexto de época: o período das guerras mundiais e dos sistemas totalitários (nazismo alemão, fascismo italiano, comunismo russo). O período das guerras está marcado por uma espécie de cassação à liberdade, haja visto as publicações clandestinas, dentre elas *Combat* da qual participa Camus. É um período onde

a expressão, seja ela de qual natureza for, se constitui arma de resistência ou ataque. Assim, temos presente nesse período três obras importantes de Camus: *O mito de Sísifo*, *Calígula* e *O estrangeiro*. São obras de descoberta do mundo absurdo, obras que escarnecem a miséria da condição humana, mas que não negam o humano, ao contrário denunciam-no em sua ação separada da natureza e resgatam-no, quanto à sua dignidade, no próprio mundo e não alienado a ele. Quando em 1945 Camus escreve a M. Herriot da revista *Annales*, propõe um resgate profundo do homem: “*Se o cristianismo é pessimista quanto ao homem, é otimista quanto à destinação humana. O marxismo, pessimista quanto à destinação, pessimista quanto à natureza humana, é otimista quanto à marcha da história (sua contradição). Eu diria que, pessimista quanto à condição humana, sou otimista quanto ao homem.*”³ Podemos avaliar os resultados desta crença no ser humano. O Homem é fruto de uma história complexa que lhe impõe o absurdo. O absurdo, por outro lado, sendo constituído pelo mundo e pela existência, não pode negar nenhuma das partes (caso contrário incorrer-se-ia no suicídio – negação da existência e afirmação absoluta do mundo – ou nos totalitarismos – negação do mundo e afirmação absoluta da existência). Daí, a necessidade de se afirmar uma saída, que é o próprio resgate do humano.

Além deste período das guerras, esta época vem marcada pelos regimes totalitários, representados por fortes ideologias. Não há como distinguir o período das guerras e o dos totalitarismos. Eles estão intimamente ligados. O que vale ressaltar aqui, é que os totalitarismos infundem uma marca indelével nas diversas facções do mundo (vejamos o mundo alemão pós guerra, o mundo judeu, a destruição do povo italiano, a miséria da Rússia comunista etc.). A ideologia totalitária atravessa o mundo pelo exercício do poder sem limites, e deste modo, verificamos com Camus que as *‘ferozes ideologias acostumaram-se estar acima de tudo: acima de si próprios (os homens), acima da felicidade, do amar e do criar (...) a desdita é que estamos em tempos de ideologias totalitárias’*⁴. Não há como velar uma ameaça do absurdo sobre a vida em meio a esse contexto. Assim, a arte camusiana encarnada a esse período é a arte como testemunho de liberdade: “*o que vai constituir a dignidade da arte é se opor a tal mundo e recusá-lo; a obra de arte pelo único fato de existir nega as conquistas ideológicas*”⁵

Um ponto que devemos relevar na obra camusiana é o valor dado à arte. A arte toma o significado de testemunha de liberdade, e o artista aquele que cumpre o testemunho. Arte e vida em Camus são palavras correlatas. Não há vida sem arte, sem expressão humana, sem expressão da liberdade.

Primeiramente devemos considerar que ser testemunha de liberdade é enraizar-se no mundo. Não se pode criar alienado ao mundo, mesmo porque não há como conceber arte em absoluto – seja ela absolutamente realista, ou absolutamente abstrata. Diz Camus que “*nenhuma arte pode recusar de modo absoluto o real (...) do mesmo modo, o realismo não pode prescindir de um mínimo de interpretação e arbítrio.*”⁶ Encontramos um limite que exige o usufruto da liberdade. Não se pode esvaziar-se totalmente do real e nem preencher-se somente de realismo. Ambas posturas exigem recorrer ao equilíbrio, à unidade original. Deste modo, a arte é um convite ao testemunho da liberdade, pois faz do artista um ser comprometido com o real, seja para sustentar o abstrato, ou para se fazer abstrair. O enraizamento do Homem no mundo se dá pelo acordo com sua existência. Em suma, pelo reconhecimento do absurdo, que é uma das chaves de compreensão entre a existência e o mundo. O absurdo existe e não há como negá-lo. Ele é o fator que perpassa a existência e o mundo simultaneamente. Diante dele deve-se superar os fragmentos epistemológicos criados por sua separação proposta. Em vistas à unidade, o absurdo divide o que deveria unir. O enraizamento constitui a união do ser à terra, constitui a assimilação lúcida do mundo, constitui o *bricolage* da fragmentariedade gerada pelo absurdo.

Enquanto testemunha, a arte assume posições diante do mundo, contra o absurdo e para a existência. Como em Camus a busca pela vida se depara com o mundo em seu contexto absurdo, o liame da arte com a vida é a resposta contra esse absurdo da existência. Por isso falar de um testemunho da liberdade que é a assimilação lúcida desse absurdo. A busca existencial se confunde com a busca de unidade. Buscar a unidade é buscar uma resposta para se viver em meio a absurdidade do mundo. A existência nos coloca diante de dois problemas: o da unidade e o da separação, de forma que a busca de unidade se traduz em confronto com a separação. Testemunhar, então, é distinguir absurdo e possibilidade de felicidade, separação e unidade. A arte é testemunha porque está enraizada

no mundo, e por si expressa a visão de um mundo lúcido porque supera o absurdo e propõe o resgate estético se posicionando diante desta realidade concreta. A arte é, pois, um posicionamento ante o absurdo.

Se neste contexto de absurdo, de negação lógica da vida, temos duas forças que, vivendo em luta constante quando deveriam viver em diálogo, propõem dois caminhos distintos, certamente a solução para a unidade está na arte e no papel do artista. Eles são os sinais de transformação e intervenção no real. As duas forças em luta, diálogo e monólogo, vida e morte, Homem e silhuetas, natureza e conquista simbolicamente se tomam dialógicos com a arte. Ela, ao mesmo tempo que transcende a realidade se instala no real – é a força de unidade frente ao divórcio absurdo com o mundo.

A arte para Camus é por excelência aquela que intervém na realidade, não é fruto de um acaso criador, mas é funcional, não enquanto tem finalidade para algo, mas enquanto é possuidora e doadora de sentido. Por isso ela é livre e é testemunha de liberdade, ou seja, é transformadora, capaz de dar sentido ao real. Sua intervenção é mais que objetiva, simplesmente, é metafísica. A arte para Camus está capacitada a atingir o real pela realidade. Sendo assim, o artista se toma o responsável pela formação de uma consciência universal de mudanças. “*Os artistas constróem um mundo sempre pronto a satisfazer a fome de liberdade e de dignidade que existe no coração de cada homem.*”⁷

O artista para Camus não é senão o combatente. O ser encarnado no mundo, que pela recusa do instaurado assume a resistência e propõe a unidade. A unidade original quer se restabelecer, mas as *‘ferozes ideologias acostumaram-se estar acima de tudo: acima dos próprios homens, acima da felicidade, do amar e do criar (...) a desgraça é que estamos em tempos de ideologias totalitárias’*⁸

Se arte e vida são palavras correlatas em Camus, devemos considerar que não há vida sem arte. A arte é a expressão da dimensão humana, e enquanto resistência se constitui como testemunha de liberdade.

Tendo duas forças em luta constante no real, temos dois personagens em oposição: o artista e o conquistador, o mundo da unidade e o mundo da separação. Enquanto o mundo do conquistador é um mundo de lutas, de vencedores e vencidos, de mestres e escravos, um mundo que em nome do poder visa o todo em suas mãos, e por isso, constrói uma história

de mortos, enquanto este mundo se sustenta pela polêmica concluída com o monólogo que contrariamente à unidade se deleita com a separação e com a multiplicação daquilo que deveria se unificar; o mundo do artista é um mundo que ampara e abraça quem dele se quer participe. É um mundo que valoriza a vida, que constrói a história a partir do cotidiano dos homens, valorizados como faces da história e não como silhuetas do histórico. É um mundo que se sustenta pela natureza como local-figura da unidade, pois é *o hólos* sensível, e com ele se dialoga.

O que subsiste do binômio dialógico Homem-mundo, arte-conquista é o exercício da liberdade como sustentação de um desenvolvimento possível. Mas podemos afirmar com Camus que “*o grande drama do homem ocidental é que entre ele e seu devir histórico não mais se interpõem as forças da natureza, nem as da amizade, (...) e não é por acaso que não se encontra mais paisagens na literatura européia desde Dostoiewski (...) seria ainda acreditar que a natureza é abstrata e somente a razão é concreta.*”⁹

A arte em Camus passa a ser testemunha de liberdade porque busca pela contemplação do mundo, pelo enraizamento nele e pela criação resistente as forças de ação contra o absurdo. O que o absurdo divide, a estética une. O artista distingue em face da unidade, o conquistador nivela e por isso o outro lhe deixa de existir.¹⁰ Camus conclui: “*na revolta o Homem se supera no outro, e desse ponto de vista a solidariedade humana é metafísica.*”¹¹

NOTAS

- (1) Albert CAMUS, “*Discours de Suède*”, IN: Bibliothèque de la Pléiade, tome II, p. 1071.
- (2) Idem., “*Le Témoin de la Liberté*”, Actuelles I, IN: Bibliothèque de la Pléiade, tome II, p.405.
- (3) Idem., “*Carnets II - Janvier 1942 - Mars 1951*”, Paris: Gallimard, 1964.
- (4) Idem., “*Le Témoin de la Liberté*”, Actuelles I, IN: Bibliothèque de la Pléiade, tome II, p.401.
- (5) Idem. *ibidem.*, p.404.
- (6) Idem., “*O Homem Revoltado*”, trad. Valerie Rumjanek – 2ª ed; Rio de Janeiro: Record, 1996.
- (7) Idem. *ibidem.*, p.317.
- (8) Idem. *ibidem.*, p.401.
- (9) Idem. *ibidem.*, p.403.
- (10) Idem. *ibidem.*, p.404.
- (11) Idem., IN: Paul RICOEUR, “*Leituras 2 - A reoão dos Filósofos*”, trad. Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário, São Paulo: Loyola, 1996.